

Ex-presidente José Sarney acompanhou todas as vezes que o Brasil ganhou o Mundial

O esforço garantiu a Gilson o privilégio de assistir à quase todas as partidas do Brasil no Rio, desde a estreia triunfal por 4 x 0 contra o México até os massacres de 6 x 1 contra a Espanha e 7 x 1 contra a Suécia. Da partida contra a Iugoslávia, ele lembra de um jogador gigante da defesa europeia que, ao subir as escadas do vestiário para o gramado, colidiu a cabeça contra uma lâmpada do túnel.

Mas toda a euforia desmoronou no dia da final contra o Uruguai. O clima de "já ganhou" tomou conta das 200 mil pessoas que se espremiavam nas arquibancadas, muitas sentadas de lado para otimizar o espaço. Quando Friaça abriu o placar para o Brasil, a festa parecia consolidada. O gol da virada uruguaia, contudo, transformou o maior estádio do mundo em um deserto de voz. "Foi como um velório", lamenta Gilson. O silêncio que se seguiu ao gol de Ghiggia deu início a uma choradeira geral. A saída do estádio foi lenta, dolorosa e silenciosa. Sem metrô ou ônibus estruturados, a multidão seguiu a pé por quilômetros, sob o peso de um luto que moldaria as décadas seguintes.

A quilômetros dali, em Porto Alegre, o advogado Celso Kaufman, de 85 anos, experimentava aquele mesmo silêncio aos 10 anos de idade. Em uma capital gaúcha que ainda não conhecia as transmissões de televisão, Celso colava o ouvido no rádio para tentar desenhar mentalmente o que acontecia no Rio de Janeiro. A derrota traumática também o marcou, mas serviu como o combustível perfeito para a catarse que testemunharia oito anos mais tarde.

O futebol como retrato do Brasil

Para o sociólogo César Bergo, entender a paixão nacional pelas Copas do Mundo exige uma viagem muito anterior aos títulos conquistados pela Seleção. Ele explica que o futebol chegou ao país no início do século 10 como uma prática restrita às elites, mas aos poucos rompeu barreiras sociais, raciais e econômicas até se transformar em um dos maiores símbolos da identidade brasileira.

Ao contrário de outros elementos culturais, o futebol conseguiu criar uma linguagem comum entre pessoas de diferentes regiões, classes sociais e gerações. A força desse processo se consolidou especialmente em 1958, quando o Brasil conquistou seu primeiro título Mundial. Para Bergo, aquela vitória teve um significado que ultrapassou o campo esportivo: representou uma afirmação internacional do país e provocou uma explosão de orgulho nacional.

O contexto ajuda a explicar a dimensão daquele feito. Durante toda a década de 1950, os brasileiros conviveram com a lembrança dolorosa da derrota para o Uruguai na final da Copa disputada em casa. O triunfo na Suécia, portanto, não foi apenas uma conquista esportiva. Foi uma resposta simbólica a uma ferida coletiva que permanecia aberta desde o Maracanazo.



Gilson Belém e Silvestre Gorgulho ficaram marcados pela Copa do Mundo de 1950

As cinco estrelas do Brasil

Ano	Sede	Adversário Final	Placar da Final
1958	Suécia	 Suécia	 Brasil 5 x 2 Suécia
1962	Chile	 Tchecoslováquia	 Brasil 3 x 1 Tchecoslováquia
1970	México	 Itália	 Brasil 4 x 1 Itália
1994	Estados Unidos	 Itália	 Brasil 0 x 0 Itália (3x2 Pênaltis)
2002	Coreia do Sul/Japão	 Alemanha	 Brasil 2 x 0 Alemanha

Valdo Virgo/CB/D.A Press

A partir dali, argumenta o sociólogo, o futebol passou a ocupar um lugar central no imaginário nacional. As conquistas seguintes reforçaram a ideia de que a Seleção representava algo maior do que um time: ela se tornou uma espécie de espelho das aspirações e dos sonhos do país. Não por acaso, muitas pessoas organizam suas próprias memórias a partir das Copas que viveram, associando títulos, derrotas e jogos marcantes a momentos importantes de suas vidas.

Mesmo diante das transformações tecnológicas e da ascensão de outras modalidades esportivas, Bergo acredita que o futebol mantém um papel singular na cultura brasileira. As Copas continuam

alterando a rotina nacional, mudando horários de trabalho, escolas, comércio e reunindo famílias inteiras diante da televisão. Mais do que um evento esportivo, elas funcionam como um raro momento de experiência coletiva compartilhada.

Para o sociólogo, essa capacidade de criar pertencimento talvez explique por que o futebol segue tão presente no cotidiano dos brasileiros. Afinal, quando a Seleção entra em campo, milhões de pessoas se reconhecem como parte de uma mesma história. É uma paixão transmitida entre pais, filhos e netos, capaz de atravessar gerações e permanecer viva mesmo em tempos de mudanças profundas na sociedade.